

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha¹

RESUMO

A literatura infantil contemporânea produzida no século XXI tem apresentado para os leitores crianças possibilidades de pensar a respeito do mundo a sua volta por meio das composições verbais e visuais do livro ilustrado. Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca do *ser criança* na condição de sujeito sócio-histórico, representado na literatura infantil, que pode gerar um horizonte humanizador na formação de um leitor sensível, crítico e criativo. Nesse sentido, destacam-se narrativas que abordam o protagonismo emancipador em contextos temáticos distintos, a saber: *O vestido de Afiya* (2022), de James Berry, *Julián é uma sereia* (2021), de Jessica Love, e *O garoto da camisa vermelha* (2020), de Otávio Júnior. Na construção da reflexão, através de uma pesquisa bibliográfica, o estudo apoia-se, principalmente, no pensamento dos estudiosos: Candido (1976, 2002, 2021) e Aguiar (2011), sobre o lugar da literatura na vida social; Cohn (2005), sobre a antropologia da criança; Queirós (2005, 2019), sobre o poder da palavra na leitura da literatura; e Nodelman (1981) e Nikolajeva e Scott (2011), sobre as relações entre palavra e imagem no livro ilustrado. Conclui-se que as composições verbais e visuais da literatura infantil contemporânea dialogam com a realidade, por meio dos caracteres temático e estético, possibilitando ao leitor criança uma autonomia na construção de sensibilidades humanizadoras.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro ilustrado. Função humanizadora da literatura.

BEING A CHILD IN THE HUMANIZING HORIZON OF CHILDREN'S LITERATURE: ILLUSTRATED IMAGINARIES OF HOPE

ABSTRACT

The contemporary children's literature produced in the 21st century has presented possibilities for young readers to think about the world around them through the verbal and visual compositions of the illustrated book. This article aims to present reflections about *being a child* as a socio-historical subject, represented in children's literature, which can generate a humanizing horizon in the formation of a sensitive, critical and creative reader. In this sense, narratives that address emancipatory protagonism in different thematic contexts are highlighted, namely: *O vestido de Afiya* (2022), by James Berry, *Julián é uma sereia* (2021), by Jessica Love, and *O garoto da camisa vermelha* (2020), by Otávio Júnior. In the construction of the reflection, through bibliographical research, the study is based mainly on the thinking of scholars: Candido (1976, 2002, 2021) and Aguiar (2011), on the place of literature in social life; Cohn (2005), on the anthropology of children; Queirós (2005, 2019), on the

¹ Doutorando em Linguagem e Ensino (2021-atual), na área de concentração em Estudos Literários, na linha de pesquisa Práticas Leitoras e Diversidade de Gêneros Literários, do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na qualidade de bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Mestre em Letras, área de concentração Literatura, Memória e Cultura, Especialista em Literatura Brasileira e Graduado em Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, títulos obtidos pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professora de Literatura, nos campos da teoria, crítica, leitura e ensino, desenvolvendo pesquisas nas áreas de Literatura Brasileira Contemporânea e Literatura Infantil e Juvenil. E-mail: dheiky@yahoo.com.br

power of the word in reading literature; and Nodelman (1981) and Nikolajeva and Scott (2011), on the relationship between word and image in picture books. It is concluded that the verbal and visual compositions of contemporary children's literature dialogue with reality, through thematic and aesthetic characters, allowing the child reader autonomy in the construction of humanizing sensibilities.

Keywords: Children's literature. Illustrated book. Humanizing function of literature.

SER NIÑO EN EL HORIZONTE HUMANIZADOR DE LA LITERATURA INFANTIL: IMAGINARIOS ILUSTRADOS DE ESPERANZA

133

RESUMEN

La literatura infantil contemporánea producida en el siglo XXI ha presentado a los niños lectores posibilidades de pensar sobre el mundo que les rodea a través de las composiciones verbales y visuales del libro ilustrado. Este artículo tiene como objetivo presentar reflexiones sobre el *ser niño* como sujeto sociohistórico, representado en la literatura infantil, que puede generar un horizonte humanizador en la formación de un lector sensible, crítico y creativo. En este sentido, se destacan narrativas que abordan el protagonismo emancipador en diferentes contextos temáticos, a saber: *O vestido de Afya* (2022), de James Berry, *Julián é uma sereia* (2021), de Jessica Love, y *O garoto da camisa vermelha* (2020), de Otávio Júnior. En la construcción de la reflexión, a través de una investigación bibliográfica, el estudio se apoya principalmente en el pensamiento de los estudiosos: Candido (1976, 2002, 2021) y Aguiar (2011), sobre el lugar de la literatura en la vida social; Cohn (2005), sobre la antropología de los niños; Queirós (2005, 2019), sobre el poder de la palabra en la lectura de literatura; y Nodelman (1981) y Nikolajeva y Scott (2011), sobre la relación entre palabra e imagen en el libro ilustrado. Se concluye que las composiciones verbales y visuales de la literatura infantil contemporánea dialogan con la realidad, a través de los caracteres temático y estético, posibilitando al niño lector autonomía en la construcción de sensibilidades humanizadoras.

Palabras clave: Literatura infantil. Libro ilustrado. Función humanizadora de la literatura.

“As palavras são portas e janelas. Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler e somar-se ao mundo é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever e dividir-se.”²

Bartolomeu Campos de Queirós

Na aurora do horizonte das considerações³

Ao relacionarmos a literatura e o real como dois polos distintos e, ao mesmo tempo, abertos para um diálogo perene, seguramente, estamos realçando caminhos para a leitura

² QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Organização Júlio Abreu. 2. ed. São Paulo: Global, 2019. p. 61.

³ De modo técnico e, paralelamente, simbólico, adotamos denominar o título deste tópico do texto e dos seguintes partindo da ideia do vocábulo “horizonte” e seus sentidos relativos ao campo de visibilidade de uma pessoa e à linha circular aparente que une a terra ou o mar ao céu, em razão dos sentidos de alargamento dos olhares sobre a vida individual e social e o mundo que as obras literárias aqui exemplificadas suscitam.

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

literária dinâmica e relacional com o mundo que nos rodeia. O horizonte humanizador, instado nas linhas e entrelinhas da ficção literária, preserva traços característicos dos seres humanos, pertencentes aos sujeitos da história. O cruzamento da “vida ficcional” com a vida social propicia comparações e descobertas, por meio da experiência humana dos sujeitos leitores, pois esses polos se friccionam na possibilidade esperançosa de criar mundos diversos para e com seres que habitam universos abstratos, ou seja, de certa forma, o mundo real é construído ou (des)ordenado pela intervenção humana. Evocando as palavras do educador, crítico e escritor Bartolomeu Campos de Queirós, que, num tom filosófico e poético, anunciam esta introdução, entendemos que a literatura ganha corpo no objeto livro, trazendo o leitor para um lugar de entrelace de duas “realidades”, isto é, a vida ficcional e a vida social, incorporando à experiência humana do leitor a formação de novas subjetividades. As palavras tidas como portas e janelas no texto literário permitem ao leitor uma travessia que funda a relação primordial do seu *ser* sócio-histórico com o direito de fabular, fantasiar, ou seja, exercer o direito à literatura, preconizado por Antonio Candido (2021), desde 1988, e que ecoa até os dias de hoje, resistentemente: “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”⁴. Logo, esse *ser* criança-leitor necessita, universalmente, *agir* realizando suas potencialidades no mundo decifrado.

No século XXI, a produção de literatura infantil, no mundo, tem aumentado quando se trata de temas que envolvem questões representativas de sujeitos inseridos numa coletividade. Por isso, autores e autoras criam narrativas que primam pelo caráter humanizador, no sentido de o leitor projetar-se na ficção e, ao mesmo tempo, agir no convívio social se utilizando do eventual pensamento crítico e criativo pelo contato com livros que, de alguma forma, salvaguardam o estético e o ético que nos constituem enquanto seres históricos, em face das subjetividades impostas pelas realidades num horizonte esperançoso.

O livro literário traz no seu conjunto possibilidades de linguagens verbais e visuais que garantem o acesso ao ficcional e, logo, aos traços sociais constantes. A construção do texto literário volta-se para composições que destacam a sensibilidade do viver em comum, realçando vários matizes temáticos relacionados ao ser humano, tais como *infância, cultura, meio ambiente, identidade, diversidade, relação familiar, viver na favela, desigualdade social e incentivo à leitura*, os quais configuram a expectativa dos leitores crianças e adolescentes de compreenderem o seu mundo interior e o mundo à sua volta. É oportuno dizer também que

⁴ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: LOUZADA, Daniel (org.). **Livros para todos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 21, grifo do autor.

um texto literário é constituído por diversas temáticas, sendo algumas mais predominantes que outras, de acordo com a dimensão ficcional da narrativa.

Este estudo propõe refletir sobre a noção de *ser criança* na condição da pluralidade de sujeito sócio-histórico, presente na literatura infantil, ancorada nas bases epistemológicas contemporâneas que vislumbram esperança no horizonte humanizador, para a formação de um leitor sensível, crítico e criativo. Num plano genérico, identificamos narrativas que abordam o protagonismo emancipador em contextos temáticos diferentes, trazendo como objetos de estudo um *corpus* definido com as obras: **O vestido de Afiya** (2022)⁵, de James Berry, **Julián é uma sereia** (2021)⁶, de Jessica Love, e **O garoto da camisa vermelha** (2020)⁷, de Otávio Júnior.

Na construção dessa reflexão, a partir das ideias de alguns estudiosos, destacamos: Antonio Candido (1976, 2002, 2021) e Vera Teixeira de Aguiar (2011), pensando sobre o lugar da literatura na vida social; Clarice Cohn (2005), sobre a antropologia da criança; Bartolomeu Campos de Queirós (2005, 2019), sobre o poder da palavra na literatura, seja no ofício da escrita, seja no campo da leitura; e Perry Nodelman (1981) e Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011), sobre as relações entre texto escrito, imagem e projeto gráfico, no livro ilustrado.

O ser criança antes de exercer e experimentar a fantasia, o lúdico, a fabulação e as subjetividades, caracteres fundamentais presentes na sua vivência no mundo, está enraizado no universo das interações singulares e plurais, com os outros seres. Sendo assim, qualquer produção literária infantil de qualidade, que apresente as emergentes temáticas que dizem respeito à sensibilidade do viver em comunidade, é lícita de ser partilhada, mediada e consumida, com a finalidade de uma experiência estética que salvguarde os preceitos éticos da vida social, que, de certa forma, são transfigurados na tessitura ficcional, considerando o texto literário como sistema, um produto cultural e simbólico que dialoga com a vida social.

A literatura infantil do século XXI cada vez mais se apropria de imaginários e adquire graus de composições que concentram várias linguagens, com o auxílio de uma comunicação criativa e simbólica do mundo. Logo, toca o leitor preferencial, reverberando na sua reflexão individual e, possivelmente, na sua ação consciente e atrelada ao coletivo, em favor de uma aliança afetiva que permita a perenidade dos fios da criação literária e, ao mesmo tempo, a

⁵ BERRY, James. **O vestido de Afiya**. Ilustrações de Anna Cunha. Tradução de Marcos Marcionilo. Curitiba: Olho de Vidro, 2022. 28 p.

⁶ LOVE, Jessica. **Julián é uma sereia**. Ilustração de Jessica Love. Tradução de Bruna Beber. São Paulo: Boitatá, 2021. 40 p.

⁷ JÚNIOR, Otávio. **O garoto da camisa vermelha**. 2. ed. Ilustrações de Angelo Abu. Belo Horizonte: Yellowfante, 2020. (Coleção Lá do beco). 24 p.

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

construção de subjetividades que acenam a um por vir diverso, afirmativo e respeitoso. Assim, a experiência literária variada, contando com a diversidade de gêneros literários e de temas preponderantes nas narrativas, possibilita aos leitores criança e adolescente uma emancipação.

Na claridade das reflexões teóricas e críticas para uma literatura infantil de função humanizadora

Iniciamos uma reflexão com o pensamento do crítico literário Candido (2002), exposto no texto “A literatura e a formação do homem”⁸, em que afirma que a literatura provoca o leitor a refletir acerca dos aspectos sociais da sua própria realidade, por meio das representações que a ficção erige para a construção da obra literária, culminando na formação do homem. Esse pensamento de Candido atribui à literatura uma força humanizadora que se apropria da expressão do homem nas suas múltiplas possibilidades do *ser*, e atua na sua formação, gerando uma certa emancipação no seu papel de sujeito sócio-histórico. Desse modo, a literatura, pois, possibilita ao leitor o alargamento das visões de mundo através das representações da vida social transfigurada, uma vez que esse sujeito se projeta no plano ficcional e, em seguida, volta-se para as suas vivências no mundo real, construindo novas posturas de um *agir* alinhado com as demandas que se impõem na sociedade.

Ao recuperarmos o pensamento de Abgar Renault no prefácio da primeira edição da obra **Problemas da literatura infantil**, de Cecília Meireles, publicada em 1951, temos a noção de que, já nesse período, o olhar para o ser criança detinha-se na interação leitora entre aquele que adentra o universo narrativo da literatura e é capaz de elaborar construções de sentidos com o mundo real, considerando a sua natureza de sujeito mais ligado à fantasia, ao poético, ao proceder a leitura de obras literárias voltadas a esse público. Segue o pensamento do autor:

A criança é, essencialmente, o ser que constrói, e constrói menos manual do que imaginativamente. Ora, qualquer construção exige materiais exteriores ao construtor, e o conto, sob qualquer das suas formas, é material de teor excelente para as criações da criança, que, por meio delas, se constrói a si mesma. Do material depende, em larga escala, a qualidade da construção, ou seja – a espécie de conto, que a criança ouve ou lê, determina, em grande

⁸ CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 77-92. (Coleção Espírito Crítico).
Humana Res, v.5, n.7, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 132 – 156, jan. a ago . 2023. DOI 10.29327/2151838.5.7-8

parte, a espécie de construção que fará e na qual a sua pessoa se mistura, se compromete e se completa.⁹

A própria Cecília Meireles, educadora, crítica literária, poetisa e escritora, na obra mencionada, aproveitando sua condição de exprimir aspiração aos outros especialistas e agenciadores do livro infantil, já aponta para uma necessidade de uma organização mundial desse objeto tão apreciado pelas crianças, no intuito de subsidiar a infância dos países do mundo para unificar as culturas dos diversos países. Trata-se do que a autora, ainda que precariamente, denomina de “humanismo infantil”, assim justificado em suas próprias palavras: “Na esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem”¹⁰. Isso posto, é imprescindível reconhecer que o caráter humanizador presente nas narrativas da literatura infantil contemporânea, no século XXI, também dá condições ao leitor criança de entender a si e ao outro, em qualquer contexto existencial e cultural, numa visada positiva de construção da sociedade, com as diferenças e singularidades que constituem o ser humano.

A nosso ver, como a própria terminologia “criança” sugere indicar que esse indivíduo é autorizado à permanente possibilidade de criação e recriação na sua instância de sujeito da história, a sociedade não pode afastá-lo das expressões literárias que abordam a formação de subjetividades em torno de temas vinculados à vida social. Sendo assim, de acordo com Cohn (2005), os papéis que as crianças desempenham na condição de sujeitos sócio-históricos são tornados reais mediante o sistema simbólico estruturado e consciente para que sentidos e significados sejam gerados de uma contínua produção de relações e interações sociais.¹¹

Na perspectiva sobre uma nova antropologia da criança, Cohn (2005) concorda com os especialistas que veem as crianças como sujeitos sociais plenos, que exercem, no sistema simbólico do mundo, suas relações e interações, atuando na configuração da sua vida existencial, à medida que o diálogo com o mundo real, inacabado, exige delas. Cohn alerta para a necessidade de entender as crianças de uma forma diferente: “Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição”¹². Assim, o pensar sobre o *ser criança* abrange uma diversidade de sujeitos em distintos contextos socioculturais que carecemos compreender.

⁹ RENAULT, Abgar. Prefácio da primeira edição. In: MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 13-14.

¹⁰ MEIRELES, 1984, p. 16.

¹¹ COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Ciências Sociais passo-a-passo; 57).

¹² COHN, 2005, p. 21.

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

Logo, o pensar sobre *ser criança* na literatura infantil exige do leitor de mesma condição existencial exercícios de *agir*, no incessante exercício de imaginar substantivamente, por meio das descobertas e dos questionamentos interpretados na fluidez das linguagens (verbais e visuais) que se concentram no livro de literatura infantil contemporâneo.

Aguiar (2011), a respeito do compromisso da criação do texto literário para crianças e jovens, pontua que esses dois públicos possuem desenvolvimento humano diferenciado com etapas específicas, no tocante à descoberta das suas relações consigo e com o mundo. A autora acredita que os comportamentos humanos no espaço social estão ligados diretamente à quantidade de suas vivências.¹³ Logo, a descoberta do eu *versus* mundo na existência humana pode ser experimentada, de modo simbólico, no texto literário, tido como organismo dinâmico, pautando de maneira não panfletária temas que fazem parte da ordem do dia, na atualidade.

Aguiar (2011) sublinha que crianças e jovens do mundo atual, com o maior acesso à informação, vivenciam quase concomitantemente as situações de várias fases do desenvolvimento humano, fruto da diversidade de estímulos que o espaço social contemporâneo propicia. Assim, as novas gerações de leitores do século XXI, com perfis de visões alargadas, seja do mundo interior, seja do mundo social, *a priori*, são capazes de estabelecer relações da experiência literária com a vida prática, nos espaços sociais, refletindo no seu modo de agir significativamente¹⁴, como preconiza Candido (1976).¹⁵ A autora afirma que a literatura possui um papel singular:

[...] porque ela traz em seu bojo um sentido globalizante, que se vale das ações e sentimentos individuais das personagens para atingir a generalização da condição humana. Em outras palavras, ao lermos uma história ou um poema, estamos diante de um quadro ficcional que não diz respeito apenas ao sujeito ali modelado, mas refere-se a todos nós, pelas sensações e emoções que suscita. A leitura, pois, possibilita a descoberta da vida como ela pode ser, para além das contingências do real imediato.¹⁶

Essa possibilidade de *ser* e *agir* do leitor literário, mencionada pela autora, está ligada ao espírito do seu tempo. Assim, a literatura propicia a criação de um mundo em constante transformação simbólica. A condição humana representada em textos literários de excelente

¹³ AGUIAR, Vera Teixeira de. O compromisso de fazer literatura para crianças e jovens. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?**: com a palavra o educador. São Paulo: DCL, 2011.

¹⁴ AGUIAR, 2011.

¹⁵ CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Nacional, 1976.

¹⁶ AGUIAR, 2011, p. 122.

qualidade estética oferece aos leitores subsídios para a compreensão e o acesso coerente à construção da trajetória de vida, aprimorando suas histórias de leitura.

A estudiosa Elizabeth D'Angelo Serra, em depoimento à Ieda de Oliveira na obra **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?**: com a palavra o educador (2011), faz a seguinte afirmação acerca da formação e manutenção de leitores:

[...] testemunhando o valor da leitura literária para viver a vida em sociedade e consigo mesmo em uma perspectiva planetária, de conhecimento e respeito às diferenças e de transformações para um mundo mais justo e solidário. E, claro, proporcionando sempre, às crianças e aos jovens, o direito de escolha.¹⁷

Essa escolha necessita ser motivada pelo interesse dos leitores de penetrar o universo ficcional, numa atitude de apreciação e prazer pela leitura, podendo, assim, transitar entre a fantasia¹⁸ e o mundo real, na perspectiva de amadurecimento cognitivo e emocional, por meio da construção de sentidos. Assim, do alinhamento das reflexões instadas e provocadas no texto literário ao alinhamento das ações e relações dos/entre leitores pode culminar em ressonâncias transformadoras na experiência humana, uma vez que a sociedade atual está, relativamente, conectada às demandas humanas que ela própria (des)constrói e (res)significa.

A literatura faz parte das atividades humanas relacionadas à arte e, *a priori*, a sua leitura auxilia na construção da sociedade, pois a matéria ficcional salvaguarda o que há de essencial na experiência humana, acionando e desenvolvendo a criatividade, o pensamento crítico, a interação verbal e emocional entre sujeitos distintos. O leitor criança é um ser que sonha, infere e enfrenta as realidades impostas nas suas vivências. No seu texto “Leitura, um diálogo subjetivo”¹⁹ (2005), Bartolomeu Campos de Queirós pontua que a experiência literária necessita promover divergências, uma vez que a natureza do texto literário, na sua relação de mediação, é fazer com que os leitores tenham considerações diversificadas, interpretações que toquem o mais particular do olhar e do sentimento. Desse modo, o texto literário alcança maiores patamares na condição de uma estética para receber e criar sentidos. Como diz o Queirós: “Todo leitor se inscreve nas entrelinhas de uma obra. [...] A história do leitor permeia a história do escritor. Há sempre um diálogo subjetivo entre escritor e leitor. Na

¹⁷ OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?**: com a palavra o educador. São Paulo: DCL, 2011. p. 317.

¹⁸ A respeito da sensibilidade na abordagem lúdica da visão do livro infantil, Walter Benjamin (2002) sublinha que “[...] a fantasia da criança aprofunda-se sonhadora em si mesma [...]”. Ver: BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 70. (Coleção Espírito Crítico).

¹⁹ QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Leitura, um diálogo subjetivo. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*: com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

subjetividade dos diálogos nasce um terceiro livro, que ficará por escrever. São diálogos para sempre inéditos”²⁰. Portanto, essa adesão do leitor ao enredo configura a constituição do sistema literário, tornando o texto literário um organismo vivo e dinâmico que afeta, distintamente, cada leitor.

A fusão entre fantasia e real na literatura infantil estimula as reinvenções substantivas de como os sujeitos leem o mundo, determinadas por seu diálogo em plena mobilização das interpretações na leitura. Segundo Queirós, “[...] é preciso acreditar que todo real é uma fantasia que ganhou corpo. O mundo é movido pela fantasia. É por meio dela que nos acrescentamos ao mundo e nos inscrevemos nele. A fantasia é responsável pelas surpreendências do cotidiano”²¹. Nessa visada em que a coexistência de fantasia e real é uma conjugação importante na formação do leitor como sujeito da história, o protagonismo de crianças na literatura infantil, considerando espaços e temporalidades pertinentes às suas relações no universo individual, no âmbito doméstico e no âmbito da comunidade, possivelmente, insere o leitor preferencial no espectro da construção da sociedade, em face das possibilidades de expressões e identificações que o imaginário humano cultiva num por vir de esperança.

O substantivo “esperança” necessita ser atrelado ao verbo agir. Essa atitude afasta qualquer traço de passividade do sujeito sócio-histórico. A ação construtiva da sociedade por meio da conscientização e do próprio entendimento de pertencer a uma comunidade global em emancipação, pela literatura, promove qualquer sensibilização acerca de uma configuração humanista, fundamentada na ética e no respeito aos diversos indivíduos que compõem as formulações e o ritmo da vida. Logo, é possível que esperança e fantasia na literatura infantil adquiram propriedades humanizadoras que mobilizam de forma crítica e criativa o ato de leitura. Por isso, esses caracteres ganham corpo na dimensão do imaginário pós-moderno.

Nesse sentido, a criança como protagonista exercendo esses caracteres tão inerentes e atuais para nós, que se apresentam baseados na realidade, figura em eventos narrativos que são compostos de alusões familiares, sem a expectativa de oferecer modelos. Ou seja, como afirma Gianni Rodari (2021), as crianças gostam de se reconhecerem nas histórias inventadas, carregadas com detalhes do seu universo, que acentuam o mecanismo de identificação.²² Assim, a identificação pode estar presente nos lugares, nos objetos, nas próprias situações e performances que envolvem as personagens etc., propiciando uma entrada mais acessível ao

²⁰ QUEIRÓS, 2005, p. 171.

²¹ QUEIRÓS, 2005, p. 173.

²² RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**: introdução à arte de inventar histórias. Tradução de Antonio Negrini. 12. ed. São Paulo: Summus, 2021.

universo narrativo destinado ao leitor criança, alcançando imaginários humanizadores na recepção de obras literárias.

A propósito do acesso à dimensão narrativa, o livro ilustrado traz a concentração de linguagens verbais e visuais, permitindo a construção de sentidos a partir do seu funcionamento, no que tange aos elementos da narrativa. Em se tratando das relações entre texto escrito, imagem e projeto gráfico, no livro ilustrado, Nodelman (1981)²³ e Nikolajeva e Scott (2011)²⁴ entendem que o texto ilustrado possui convenções próprias que resultam na comunicação e leitura visual, prevalecendo a maneira como essas linguagens podem se articular para a finalidade estética de caráter ficcional.

De acordo com Nodelman (1981), quando se trata de livro ilustrado, podemos imaginar possibilidades de interpretações a partir do jogo entre palavra e imagem. Como diz o autor mencionado: “Na verdade, tanto as palavras quanto as imagens exercitam nossa imaginação, dando-nos algo novo para refletir a respeito”²⁵. Palavras e imagens contam a história numa dinâmica que, necessariamente, *a priori*, depende da proposta gráfica que o livro apresenta para o leitor. Nikolajeva e Scott (2011) enfatizam que o livro ilustrado possibilita grande diversidade de interações entre texto e imagem, considerando os elementos narrativos e a própria materialidade gráfica da obra. Outrossim, as autoras partilham da ideia de que a ilustração posta na capa do livro ilustrado, juntamente com o título e o nome do autor, constituindo o que se chama paratexto, configura a obra como artefato, que, de certo modo, focaliza a mensagem central da história, marcando de forma atrativa a existência do livro. Nesse sentido, podemos depreender que essa ideia de livro como artefato converge também para a designação de um objeto que oferece indicações sobre a época em que foi produzido, conduzindo temáticas proeminentes no cerne da criação, eventualmente, alinhando-se às demandas da sociedade.

Rumo aos protagonismos diversos em contextos diferentes, com vozes e olhares humanizadores, em termos de projeto editorial, seguindo as concepções de Nikolajeva e Scott (2011) sobre livro ilustrado, enfatizamos os seguintes elementos narrativos: *ambientação*, *caracterização de personagens*, *temporalidade e movimento* e *paratextos*. De acordo com as autoras, a *ambientação* no livro ilustrado consiste em determinar a situação da história narrada e influência no desenvolvimento do enredo. A *caracterização de personagens* no

²³ NODELMAN, Perry. **How picture books work**. Children's Literature Association Quarterly, 1981 Proceedings, p. 57-68. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/457415/pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

²⁴ NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

²⁵ NODELMAN, 1981, p. 60, tradução nossa. No original: **In fact, both words and pictures exercise our imaginations by giving us something definite and new to think about.**

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

livro ilustrado permite uma lógica de comunicação verbal e visual, dimensionando a aparência física e características emocionais, psicológicas e filosóficas. *Temporalidade e movimento* consistem em determinar, de forma sugestiva na representação, o fluxo do tempo e a dimensão da espacialidade expressos verbal e visualmente, indicando o desenvolvimento do enredo na construção dos significados. Os *paratextos* dos livros ilustrados são compostos por formato, títulos, capas, guardas, frontispício e quarta capa, também formados por palavra e imagem, fazendo parte da narrativa e de seus potenciais significados, com a finalidade de contribuir para a totalidade estética do livro. Desse modo, diante desses conceitos, os elementos da linguagem narrativa do livro ilustrado propiciam o realce do caráter humanizador da literatura infantil, oferecendo ao leitor criança uma via estética que espia e conversa com o mundo, como poderemos constatar nas obras citadas na próxima seção do presente artigo.

Portanto, esse excursão teórico e crítico aqui em discussão subsidia a construção do nosso olhar reflexivo para uma abordagem analítica ou, simplesmente, para uma exemplificação de obras literárias infantis, que possam suportar a convergência dessas bases epistemológicas empreendidas no escopo da reflexão acerca do horizonte humanizador da literatura infantil, na perspectiva das linguagens verbais e visuais no livro ilustrado. Assim, seguramente, essas formas narrativas constroem uma aliança de esperança dos pontos de vistas diegético e estético e das possíveis ressonâncias na vida social do leitor real, decantando suas múltiplas aproximações com as composições ficcionais que transfiguram os sentimentos humanos.

No horizonte do *ser e agir*: imaginários humanizadores na literatura infantil

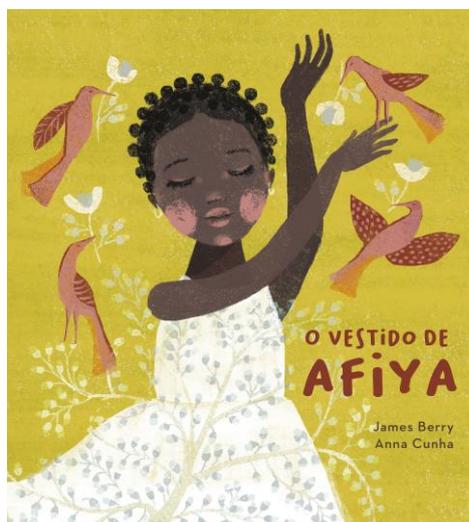
A proposta deste tópico é apresentar obras literárias em que o ser leitor criança, no processo de experiência literária, tem o direito à escolha de livros que possuam bons textos e boas ilustrações que, a título de exemplo, aqui apontadas trazem na forma narrativa um percurso de leitura que privilegia temas relevantes como passaporte para o seu imaginário e, por conseguinte, para a dinâmica da leitura, numa função humanizadora, a saber: *infância, cultura, meio ambiente, identidade, diversidade, relação familiar, viver na favela, desigualdade social e incentivo à leitura*. É provável que esse rol de temáticas seja pauta na constituição das obras literárias contemporâneas, principalmente na modalidade infantil, visto tratar-se de uma produção artística voltada aos caracteres de valorização estética e de formação humanística dos leitores específicos.

Humana Res, v.5, n.7, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 132 – 156, jan. a ago . 2023. DOI 10.29327/2151838.5.7-8

De maneira genérica, o conjunto de obras literárias que apresentamos possui, em comum, personagens crianças negras inseridas em contextos diferentes e que provocam, nos sujeitos leitores, potentes pensamentos e reinvenções de empoderamento, alegria, respeito, afetividade, resistência e sonhos, cruzando a linha da fantasia e do real. A invenção do literário permite que esses dois domínios coexistam na representação da construção da sociedade, garantindo a matéria viva das composições literárias que propicia a criação dos sentidos por meio da leitura.

A obra **O vestido de Afiya** (2022), escrita pelo jamaicano James Berry e ilustrada pela brasileira Anna Cunha, é uma celebração da infância representada pela relação de uma menina de delicada pele negra com o mundo. A menina de nome Afiya, possui um vestido branco que registra as memórias de seus dias, estabelecendo uma relação fantasiosa e de cooperação com outros seres viventes, como girassóis, roseiras, borboletas, pombas, tigres e peixes. O nome Afiya é de origem suaíli que significa “saúde”, o que é informado na página da ficha catalográfica do livro.

Figura 1 – Capa da obra *O vestido de Afiya*, de James Berry



Fonte: Editora Olho de Vidro (BERRY, 2022).

Originalmente, **O vestido de Afiya** foi publicado pela Lantana Publishing Ltd., em 2020, na Inglaterra, com o título **A story about Afiya**. A edição inglesa recebeu alguns prêmios e distinções, como: prêmio Northern Lights Picture Book of the Year 2020; New York Times, 25 melhores livros infantis de 2020; indicação à Medalha Kate Greenaway 2021; USBBY Outstanding International Books 2021; e selecionada para o catálogo *The White Ravens 2021*, pela Internationale Jugendbibliothek, de Munique, entre os 200 livros infantis e juvenis notáveis do mundo todo, por suas qualidades estético-literárias. A edição brasileira de *Humana Res*, v.5, n.7, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 132 – 156, jan. a ago . 2023. DOI 10.29327/2151838.5.7-8

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

2022 (figura 1) foi publicada pela editora Olho de Vidro, com tradução de Marcos Marcionilo. Como constatamos na figura 1, a capa dos novos títulos da literatura infantil contemporânea, por exemplo, vem ganhando mais força estética no mercado editorial e, conseqüentemente, mais presença enquanto elemento importante na construção dos sentidos da narrativa, pois a capa, classificada como paratexto, de certo modo, anuncia sinteticamente a narrativa e muitas vezes já a inicia.

A obra sugere ser uma potente forma de mediação entre o leitor e o mundo com linguagens concentradas na sua constituição, como texto, imagem e projeto gráfico, valorizando na narrativa a visibilidade do ser humano negro, com sua beleza e respeito ao mundo que o cerca, de maneira sublime e mágica, como verificamos nas figuras 2 e 3. A caracterização da protagonista com o traje mágico torna possível a urgente visibilidade de um bem-estar com sua identidade e o mundo circundante, dimensionando características emocionais e filosóficas. O comportamento da personagem revela a sua postura imediata de cultivadora da paz, simbolizada por sua interação com os animais e os vegetais, a qualquer estação do ano. A sucessão simultânea de imagens da personagem, na figura 2, confere a ação de tempo e do movimento na página dupla, demonstrando, sugestivamente, que ela brinca no ar e, paralelamente, o seu corpo, em certa medida, dialoga com os corpos firmes das árvores na página da esquerda. Isso configura a relação de delicadeza e responsabilidade com o mundo. As cores dos ambientes por onde Afiya passa são bem diversificadas, com resoluções estéticas bastante harmônicas que confortam o olhar do leitor. E a sua interação com o ambiente é mediada pelo vestido, elemento mágico, evocando no imaginário do leitor a sua presença nos contos populares mais antigos.

A percepção de Afiya se constitui à medida que o corpo dela brinca/interage com o mundo, por meio do vestido, tornando visíveis suas subjetividades, de maneira simbólica, a respeito da liberdade que a própria infância pode legitimar, nas diversas formas de sociabilidades, bem como dos possíveis enfrentamentos que a sua trajetória enquanto ser criança pode experimentar. A título de exemplo, essa elaboração interpretativa, do ponto de vista da leitura do livro ilustrado, pode ser apreendida nas seguintes situações de passagem da protagonista: pelos girassóis e pelos cachos de rosas vermelhas, realçando sua beleza feminina e identidade racial; pelas borboletas, caracterizando as transformações de um por vir próspero; pela revoada de pombas, insinuando sua capacidade de conquistar outros mundos; pelos tigres e pelas rochas, revelando sua força interior diante das adversidades. Assim, essas características configuram possíveis renovações da existência humana que a personagem representa no enredo.

Humana Res, v.5, n.7, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 132 – 156, jan. a ago . 2023. DOI 10.29327/2151838.5.7-8

Figura 2 – A beleza de Afiya em sintonia com a harmonia do meio ambiente



Afiya tem uma delicada pele negra
que ressalta suas roupas brancas
e seus sorridentes olhos castanhos, imensos,
e seus braços e pernas brincando no ar.

Fonte: Editora Olho de Vidro (BERRY, 2022, p. 4-5).

Figura 3 – A beleza de Afiya em realce com a beleza das flores



Afiya passa pelos girassóis e percebe depois
aqueles rostos negros enfeitados de amarelo
impressos por todo lado em seu vestido.

Fonte: Editora Olho de Vidro (BERRY, 2022, p. 8-9).

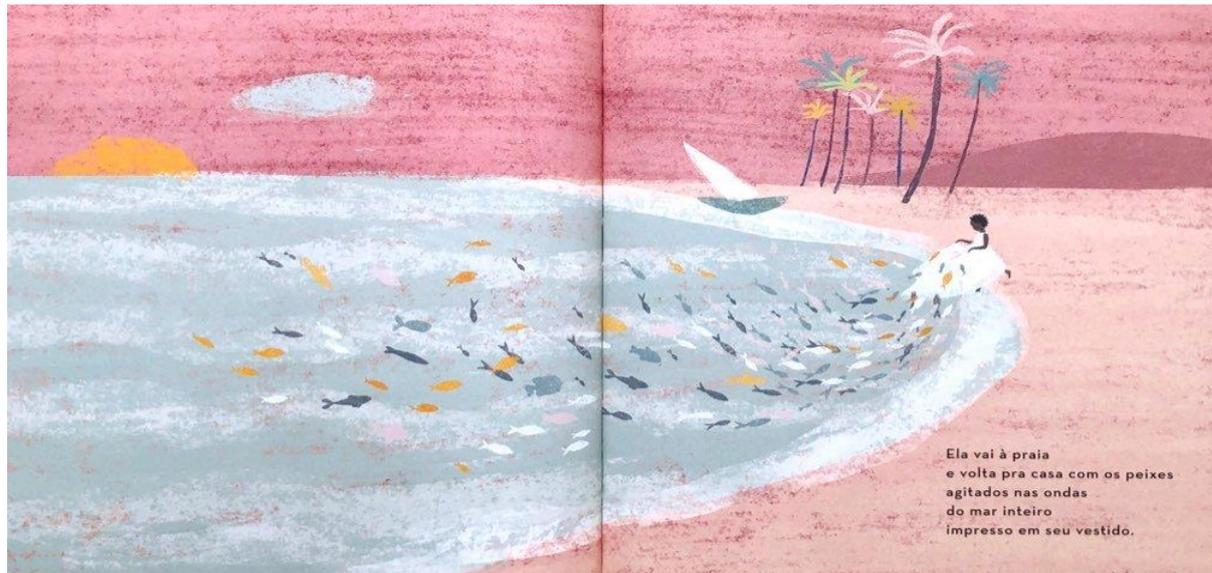
Essa narrativa traz uma poética que dialoga com o universo infantil, representado pelo vestido mágico que, inerentemente, é um elemento que carrega a feminilidade e, simbolicamente, alimenta os sonhos de uma mulher. Através da arte expressiva, esse livro abre o olhar dos leitores para possíveis formas de leitura que incidem sobre o imaginário de empoderamento feminino e de respeito aos outros seres e às coisas do nosso planeta, numa visada que destaca a vitalidade da natureza que nos cerca, ou seja, o meio ambiente pulsante e

Humana Res, v.5, n.7, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 132 – 156, jan. a ago . 2023. DOI 10.29327/2151838.5.7-8

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

em harmoniosa interação com o ser humano. É uma obra que alcança um resultado estético de qualidade nas composições de texto e imagem, abrangendo trechos de uma escrita curta e presença marcante de imagens coloridas, realçando a expressão do ser mulher num contexto cultural, que acaba provocando os leitores a imaginarem os seus próprios contextos, conforme nos apresenta a figura 4.

Figura 4 – A cultura do seu lugar impressa no vestido mágico de Afiya



Fonte: Editora Olho de Vidro (BERRY, 2022, p. 22-23).

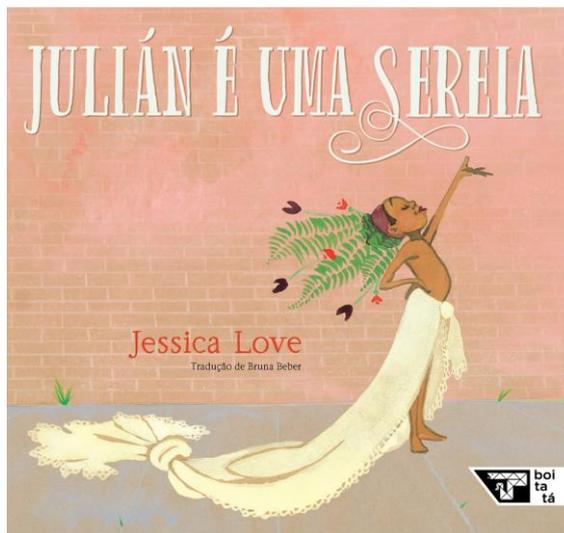
Magicamente, o alvo vestido de Afiya, lavado toda noite, imprime as memórias de sua interação com o mundo, contadas em página dupla nas linguagens que o livro ilustrado pode oferecer ao leitor, numa construção narrativa de tom íntimo, cotidiano e familiar à protagonista, com relação ao universo local que a rodeia, configurando pertencimento a uma cultura e ação de articulação afetiva no meio ambiente, de forma sincronizada.

O livro **Julián é uma sereia** (2021), escrito e ilustrado pela americana Jessica Love, narra a individualidade de uma criança chamada Julián, refletindo o exercício do fantasiar e, ao mesmo tempo, de maneira delicada, aponta traços da sua identidade enquanto ser humano. Esse foi o livro de estreia da autora, o qual recebeu muitos prêmios, dentre eles, o da Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, categoria Opera Prima, em 2019. Originalmente, **Julián é uma sereia** foi publicado pela Walker Books Ltd., em 2018, na Inglaterra, com o título **Julian is a mermaid**. A edição brasileira de 2021 (figura 5) foi publicada pela editora Boitatá, com tradução de Bruna Beber. De acordo com a figura 5, na capa, o rapazinho Julián já demonstra uma decidida postura em exercer sua condição de ser criança, ser humano, com seus desejos e fantasias inerentes ao universo da infância, o que é expresso na sua

Humana Res, v.5, n.7, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 132 – 156, jan. a ago. 2023. DOI 10.29327/2151838.5.7-8

caracterização, de maneira ativa e, de certo modo, emancipatória, em consonância com sua disposição interior.

Figura 5 – Capa da obra **Julián é uma sereia**, de Jessica Love



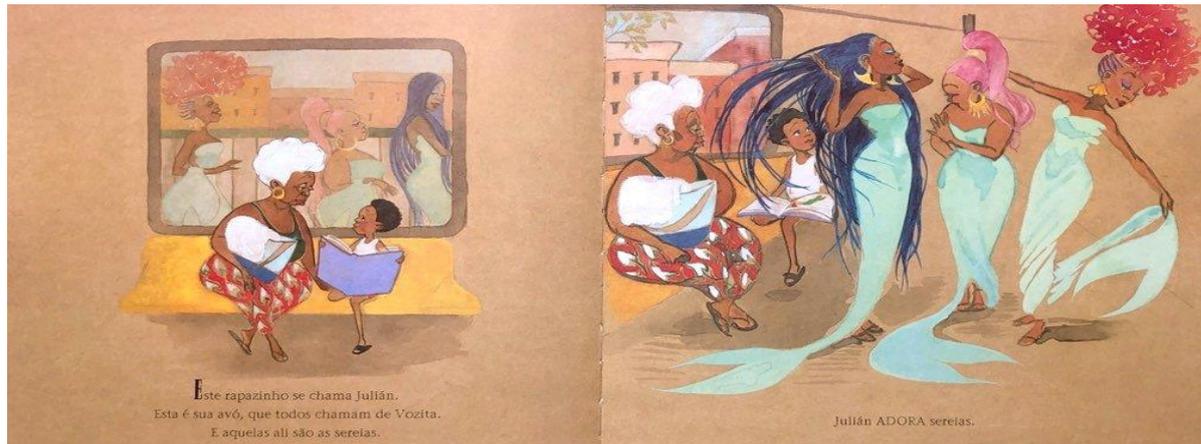
Fonte: Editora Boitatá (LOVE, 2021).

Com a predominância de imagens na narrativa integral do livro, acompanhada de sua avó, Vozita, a criança leitora Julián dá lugar à imaginação, quando, ao voltar da natação, no metrô, vê três mulheres trajando vestidos que simulam caudas de sereia, com os cabelos esvoaçantes e coloridos (figura 6). Também, em face da provocação do livro que o garoto carrega, possivelmente um texto literário, que traz a imagem de uma sereia impressa, a imaginação do garoto (figura 7) ganha corpo e torna-se real, num horizonte humanizador e representativo da sua diversidade enquanto sujeito sócio-histórico, inscrevendo a obra no lastro global da história da literatura infantil. Esse momento fantasioso do protagonista é revelado na figura 7, na sequência de imagens dele, caracterizando sua ação com determinado tempo e movimento, em que ele vai se despindo até tornar-se sereia. Julián adora sereias, tendo-as como referência de leitura, identificando-se, portanto, com elas: “– Vó, eu também sou uma sereia”²⁶.

²⁶ LOVE, 2021, p. 18.

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

Figura 6 – O encontro casual de Julián com as mulheres vestidas de sereia



Fonte: Editora Boitatá (LOVE, 2021, p. 6-7).

Figura 7 – Julián exercendo a sua imaginação no ato da leitura



Fonte: Editora Boitatá (LOVE, 2021, p. 8-9).

Em estado de encantamento pelas mulheres-“sereias”, Julián decide enfeitar os cabelos com folhagens e flores para alongá-los e vestir-se de sereia também com a cortina da casa de sua avó. Os trechos com texto escrito são poucos e curtos e as imagens ganham destaque, na história, nas páginas duplas coloridas. Em pleno exercício da imaginação, Julián consegue vivenciar a sua fantasia e o seu desejo íntimo de ser o que naquele momento deseja ser, com o apoio incondicional da família, especialmente da sua avó, que convive diretamente com ele, como constatamos na figura 8, cujo texto diz o seguinte: “– É pra mim, vó? – Pra você, Julián.”²⁷. A sua caracterização na aparência física com a cortina e os adereços compõem uma similaridade fantasiosa com a sereia que povoa o seu imaginário de criança, dimensionando características emocionais e psicológicas.

²⁷ LOVE, 2021, p. 28.

Figura 8 – O apoio da avó à individualidade do neto Julián



Fonte: Editora Boitatá (LOVE, 2021, p. 28-29).

A ambientação na narrativa está focada no cotidiano do protagonista, mostrando os espaços sociais em que ele transita, como o local de natação, o metrô, a rua, a casa da sua avó, a praia, retratando a sua trajetória rumo à liberdade de fantasiar e de vivenciar a fantasia na vida real, simbolizada também por sua ação na piscina da natação, ambiente limitado, em comparação com a sua ação já no mar, ambiente imenso, finalizando a narrativa, assim espraçando o olhar do leitor a respeito das liberdades do ser humano.

O amor e o respeito prevalecem nessa narrativa que imprime a diversidade da identidade dos seres humanos. Essa atitude do protagonista encoraja os leitores crianças a agirem de maneira respeitosa com quem é diferente do padrão social majoritário. O jogo da fantasia e do real se conjuga na construção de sentidos na articulação do imaginário do leitor Julián com o seu desejo de satisfazer o seu agir no espaço social, legitimado pelo apoio da avó e das personagens vestidas como sereias.

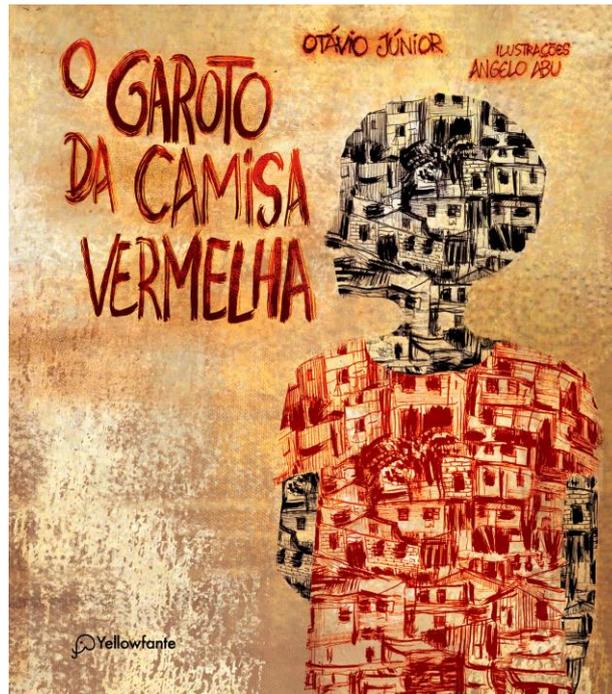
A obra **O garoto da camisa vermelha** (2020), escrita pelo brasileiro Otávio Júnior e ilustrada pelo brasileiro Angelo Abu, narra a história de Juninho que vive numa casa amarela no alto da favela. Fazendo parte de um horizonte de carências sociais, o garoto sonha, fantasia e realiza outras vivências. A primeira edição da obra é do ano de 2013, pela editora Autêntica. É o primeiro livro infantil de Otávio Júnior²⁸. Segundo a figura 9, na capa, plasticamente, a imagem do garoto Juninho confirma que ele assume o espaço social onde vive, mostrando que

²⁸ O autor, Otávio Júnior, é também contador de histórias, ator e produtor teatral, é um grande incentivador da leitura nas comunidades das zonas populares do Rio de Janeiro. Para o autor, o projeto “Ler é 10 – Leia Favela”, criado por ele, constrói uma rede de leitores em contextos de violência das comunidades cariocas. Ele construiu uma biblioteca comunitária no Complexo do Alemão, por isso, passou a ser conhecido como o Livreiro do Alemão.

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

o lugar faz parte da sua identidade existencial e que nele existem caminhos para a transformação individual e social pelo encanto com as palavras. Emblematicamente, a capa imprime certo anonimato ao perfil do menino, conferindo uma apropriação orgânica do seu espaço social, traduz um alerta e um convite para o enfrentamento do ambiente de degradação imposto pela sociedade privilegiada.

Figura 9 – Capa da obra **O garoto da camisa vermelha**, de Otávio Júnior



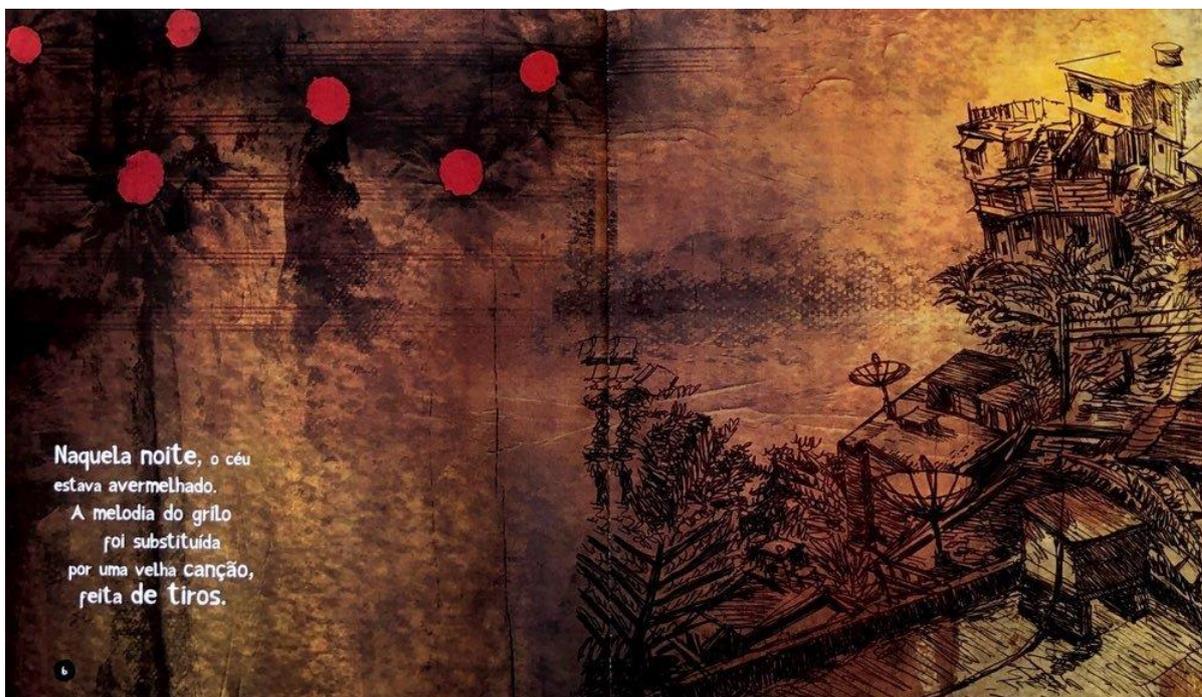
Fonte: Editora Yellowfante (JÚNIOR, 2020).

A realidade do garoto Juninho é como a de muitos outros que moram em regiões urbanas, nas periferias das cidades, que sofrem com o abandono do poder público e a perene violência que domina a sua rotina, com os súbitos tiroteios que abalam a paz dos moradores da favela (figura 10), como constatamos na imagem, em página dupla, e no texto que diz o seguinte: “Naquela noite, o céu estava avermelhado. A melodia do grilo foi substituída por uma velha canção, feita de tiros”²⁹. O ambiente de intranquilidade e as condições desfavoráveis para viver com bem-estar são mitigados pelos sonhos de Juninho e realizações de um por vir próspero, motivado pelo contato com o livro literário. Juninho sonha com a mudança na sua história de vida, a exemplo de outras milhares de crianças que vivem nessa condição social. A caracterização da aparência da personagem Juninho dimensiona suas características sociais, emocionais, psicológicas e filosóficas. O traje de camisa vermelha do

²⁹ JÚNIOR, 2020, p. 6.

garoto confere, simbolicamente, um efeito provocador e emocional da tensão do espaço social e, ao mesmo tempo, um efeito de vitalidade e esperança, que intensifica ao se misturar com as cores amarelo e laranja.

Figura 10 – A violência na favela de Juninho impressa de modo simbólico



Fonte: Editora Yellowfante (JÚNIOR, 2020, p. 6-7).

Trata-se de uma narrativa em prosa com tom poético nas composições verbais e visuais. Do ponto de vista verbal, a obra apresenta um curto texto escrito que acompanha as imagens em páginas duplas, cujo enredo contém algumas metáforas, como o já mencionado texto da figura 10. O texto é composto por frases que denotam uma próspera emancipação do sujeito da história por meio da leitura do livro literário, como constatamos na página dupla seguinte: “Milhares de meninos e meninas foram dormir escutando essa canção. Juninho preferia ouvir uma história: queria mudar a sua história”³⁰.

O mesmo desenho das casas da favela na figura 10, apresentado no início da narrativa, repete-se no final do livro (figura 11), com a diferença que o céu não apresenta mais os tiroteios, pois um arco-íris invade a página dupla, cujo texto diz o seguinte: “Chuva. Leitura. Bolinho de chuva. Bem de tardinha, a favela foi tomada por um grande arco-íris. Já era noite, e o menino nem se deu conta: estava em outro planeta. O garoto da camisa vermelha dormiu –

³⁰ JÚNIOR, 2020, p. 8.

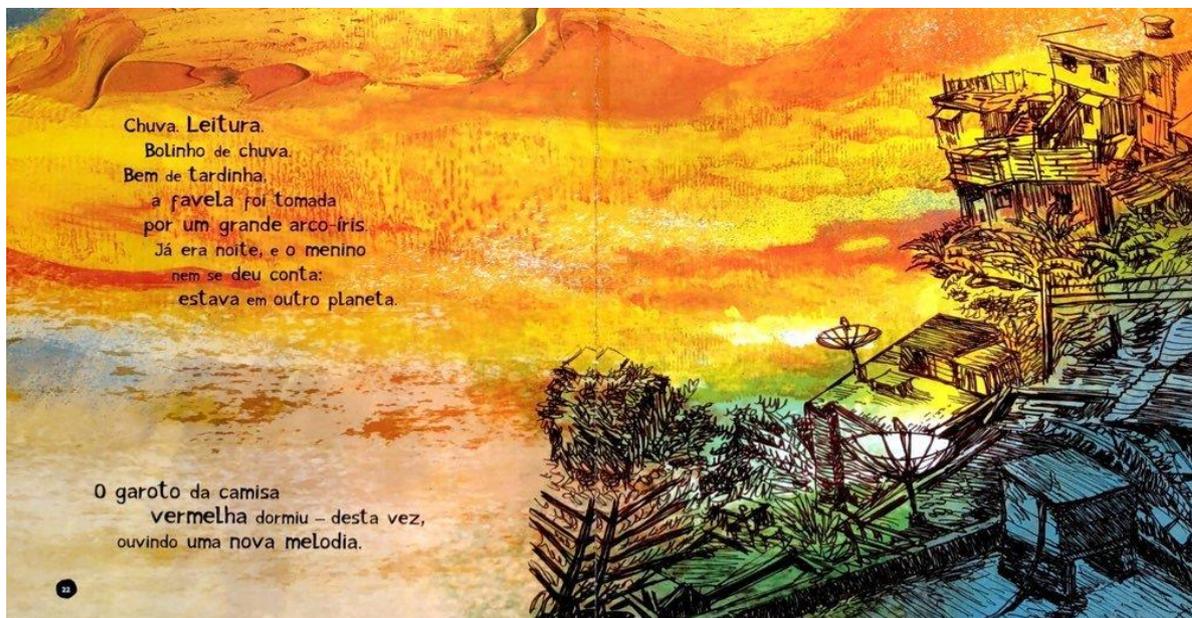
SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

desta vez, ouvindo uma nova melodia”³¹. A intensidade das cores amarelo, laranja e vermelho misturam-se às cores verde e azul, suavizando o efeito de horror, anteriormente elaborado, vislumbrando um novo horizonte para o garoto Juninho e as outras crianças, reforçado pelas palavras que remetem a acalanto e paz.

Desse modo, a comparação entre esses dois trechos verbais e visuais das figuras 10 e 11 estabelecem um contraponto para a sonhada mudança na vida dos moradores da favela, sinalizando também, semanticamente, por meio da imagem de tintas coloridas misturadas na parte superior da página dupla na figura 11, um possível convite para o leitor dar forma ao seu próprio destino, de maneira autônoma e conectada com as necessidades coletivas.

152

Figura 11 – A esperança na favela de Juninho impressa de modo simbólico



Fonte: Editora Yellowfante (JÚNIOR, 2020, p. 22-23).

³¹ JÚNIOR, 2020, p. 22.

Figura 12 – A realidade de Juninho e das outras crianças no cotidiano da favela



Fonte: Editora Yellowfante (JÚNIOR, 2020, p. 14-15).

Do ponto de vista visual, a obra apresenta as cores amarelo, laranja, vermelho e cinza que dominam a criação estética do livro, conferindo uma atmosfera de dura realidade e, paralelamente, de sensibilidade ao encorajamento dos sonhos que mobilizam o menino, por meio de traços e cores nos desenhos (figura 12) que insinuam o inacabamento que o mundo oferece na sua constituição.

A participação do menino, por sua vez, é importante para a sua própria história de vida, bem como para toda a coletividade, quando ele encontra uma caixa cheia de livros no lixão da sua comunidade (figura 13). As figuras 13 e 14, que constam, nessa sequência no livro de Otávio Júnior, demonstram bem a temporalidade, a espacialidade e o movimento na narrativa, caracterizando o fluxo das relações temporais e causais, entre encontrar o livro, imergir no mundo ficcional da leitura e nutrir esperanças quanto ao seu mundo tangível.

Assim, a literatura abre portas para outras realidades, tanto na dimensão ficcional da narrativa como na dimensão da vida social do leitor, cumprindo, portanto, uma função humanizadora. O jogo de linguagens na literatura infantil, vinculado ao imaginário, constitui diversas camadas de interpretações, uma vez que aponta caminhos estéticos, por meio das configurações da representação dos sentimentos humanos, potencializando a percepção do leitor em face da sua relação com a obra literária e com as possibilidades de interação com o mundo real.

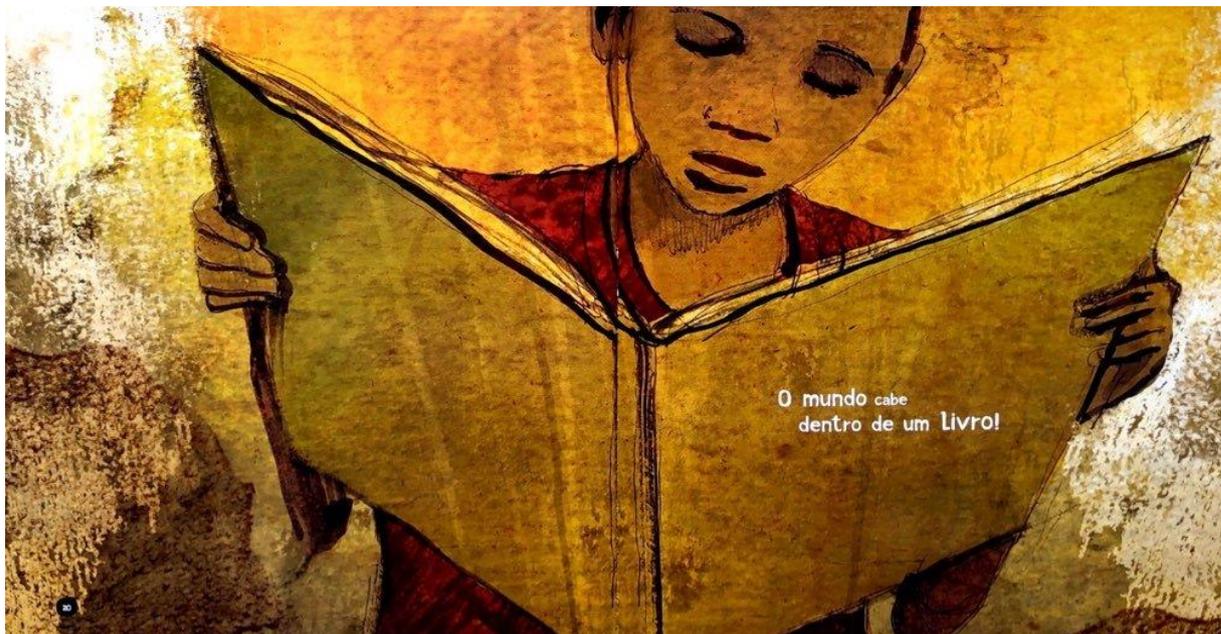
SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

Figura 13 – Juninho e a caixa com livros no lixão



Fonte: Editora Yellowfante (JÚNIOR, 2020, p. 18-19).

Figura 14 – Juninho abrindo as portas para o universo da leitura



Fonte: Editora Yellowfante (JÚNIOR, 2020, p. 20-21).

Juninho protagoniza um chamamento às outras crianças para o convívio com a leitura, para a descoberta de novos mundos. É um verdadeiro convite e incentivo à leitura, que se torna um passaporte para a transformação das suas vidas, marcadas pelas adversidades de uma trajetória vivenciada em contextos de desigualdades sociais. O encontro do garoto da camisa vermelha com o livro (figura 14) provoca os leitores a sonharem com dias mais esperançosos

nas comunidades de zonas populares, estendendo-se também a outros contextos. É uma narrativa baseada na história do próprio autor do texto escrito, Otávio Júnior, o que é confirmado por Rogério Andrade Barbosa, na quarta capa do livro *O garoto da camisa vermelha*.

Na esteira de um horizonte humanizador na literatura infantil, as reflexões apresentadas dão conta de uma produção literária para crianças, que mobiliza o leitor para o universo ficcional sem “tirar o pé” da realidade, mostrando sinteticamente o cotidiano de personagens em diferentes contextos, cujas temáticas principais se desdobram ou se conjugam com outras. Desse modo, os criadores da arte literária, escritores e ilustradores, conectam-se com o mundo e, conseqüentemente, com os seus leitores, numa relação em que a conversa íntima entre narradores e leitores é a aliança necessária para acessar o vasto mundo que cabe dentro de um livro, parafraseando Otávio Júnior. O (re)conhecimento da condição humana pelo universo da leitura da literatura possibilita o acesso a múltiplas vozes e visões de mundo, que acabam por constituir uma rede de diálogos e descobertas que articulam consciências criativas e críticas, reverberando, refletindo uma formação leitora livre e sem fronteiras para o sensível, dentre produções nacionais e internacionais, no segmento editorial da literatura infantil.

O excuro narrativo voltado às demandas sociais emergentes no século XXI converge para um empoderamento do *ser* e, logo, no *agir* da humanidade, pelas palavras e imagens do livro ilustrado, uma vez que o íntimo da infância e as derivações do seu universo são pautados na literatura infantil. Essa articulação das linguagens na narrativa do livro infantil ilustrado contribui para a formação de sujeitos leitores atrelados à história, que fazem uso das linguagens à sua disposição no exercício da apropriação e expressão da língua e das artes. Nesse sentido, isso os habilita para o diálogo com o mundo, munidos de suas visões construídas no aporte das sensibilidades, das reflexões e das ações que convergem para um estado contínuo e revolucionário da história de leitura de cada um deles.

SER CRIANÇA NO HORIZONTE HUMANIZADOR DA LITERATURA INFANTIL: IMAGINÁRIOS ILUSTRADOS DE ESPERANÇA

No ocaso das considerações, para além da linha do horizonte³²

Ao articularmos este pensamento de Queirós com aquela ideia apresentada nas palavras que inauguram este texto, concluímos, na perspectiva das subjetividades, se tratando do compromisso de escrever e do ato de ler o texto literário:

Reconheço que se a escrita não permite voos aos leitores ela não é literária. Suponho que a literatura abre porta, mas a paisagem está aninhada no coração do leitor. A imaginação é privilégio de todos os indivíduos. [...] Quero um texto que tenha ressonância, capaz de provocar ecos, ir além da linha do horizonte.³³

156

Por fim, a nosso ver, há uma fusão entre os domínios da fantasia e da realidade instaurados na narrativa das obras apontadas, pois assumem um papel importante na articulação da diegese, bem como na corporeidade dos protagonistas, criando características que implicam na composição do livro e, conseqüentemente, nos modos de educação do olhar das crianças leitoras de textos literários. Os eventos que constituem as narrativas elaboradas pela palavra, imagem e projeto gráfico sinalizam como emblemáticos e, potencialmente, geradores de renovadas visões críticas que os leitores crianças da contemporaneidade necessitam para emancipações do presente e do futuro no horizonte do *ser* e *agir*.

Assim, na perspectiva da bibliodiversidade e universalidade da literatura infantil, as crianças do século XXI carecem de estímulos à leitura de obras de excelente qualidade, para a formação de subjetividades acerca das suas personalidades individuais e para a participação na coletividade, no âmbito da família, da comunidade, do meio ambiente, entre outros, conforme exemplificado nas obras literárias. Ou seja, quando o *ser criança* figura em eventos narrativos na literatura infantil, o *ser criança-leitor* constrói sensibilidades humanizadoras no momento em que suas subjetividades se tornam visíveis na representação das relações interacionais criança-criança, criança-adulto e criança-mundo.

Em síntese, a esperança nos imaginários ilustrados da literatura infantil influencia na formação de uma ordem simbólica que visa salvaguardar o caráter decifrável da própria humanidade de autores e leitores.

³² O título deste tópico das considerações finais remonta o momento em que o sol atravessa a linha do horizonte, designado pela palavra “Ocaso”, podendo aqui configurar, subjetivamente, o que desaparece da nossa visão, mas que, a nosso ver, seguramente, continua a existir.

³³ QUEIRÓS, 2005, p. 170.